

Serras de Aire e Candeeiros : o inimigo somos nós ?

O Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros (PNSAC) abrange o núcleo do Maciço Calcário Estremenho e cobre uma superfície de 38900ha em território pertencente aos concelhos de Alcobaça e Porto de Mós no distrito de Leiria e de Alcanena, Rio Maior, Santarém, Torres Novas e Ourém no distrito de Santarém.

Tal como é característico das regiões calcárias, encontramos aqui um tipo particular de paisagem : a paisagem cársica (segundo designação internacional), que se realça pelo seu aspecto ruíniforme e árido, sem igual no nosso país seja pela sua variedade seja pela sua quantidade.

A beleza singular do relevo da paisagem é o resultado dos movimentos tectónicos, movimentos continuados das placas continentais e oceânicas, e da dissolução das rochas pelas águas da chuva ao longo de milhares de anos. O processo natural da fractura da rocha, associado à passagem das águas pluviais no seu percurso descendente, favoreceu o alargamento das fendas - lapiaz - que, por sua vez, conduziram à formação de túneis e de galerias subterrâneos.

O reservatório hídrico subterrâneo constitui um factor de riqueza da região, pois, através de furos de captação (nem sempre possíveis devido à natureza calcária da serra) ou através de nascentes, permite o abastecimento das populações. Das várias nascentes existentes, salienta-se a dos Olhos de Água do Alviela que, desde 1880, fornece água à cidade de Lisboa. No entanto, nem toda a água das nascentes pode ser aproveitada : os poluentes orgânicos e bioquímicos provenientes das descargas industriais (nomeadamente as das indústrias de curtumes) bem como as das suiniculturas e as das explorações de inertes contaminam os aquíferos, tornando o precioso líquido impróprio para consumo e pondo em causa a fauna e a flora da região.

Quando este problema da água nos foi apresentado pela Drª Maria de Jesus Fernandes, técnica do PNSAC, que entrevistámos aquando do nosso "trabalho de campo", dissemos : - É fácil ! Extinguem-se as pedreiras, as suiniculturas, os curtumes... !

Pois... parece fácil, mas não é ! Estas actividades têm, hoje em dia, um peso significativo na economia nacional. A extracção de inertes sempre foi uma actividade tradicional na região, e há notícia de que pela mão dos monges de Cister se levaram das encostas da Serra dos Candeeiros as pedras que viriam a dar corpo ao Mosteiro de Alcobaça, numa manifestação apurada da arte dos canteiros medievais. Actualmente a exploração da pedra alimenta várias áreas determinantes para o desenvolvimento nacional, desde a construção civil e as obras públicas até às indústrias têxteis e de calçado, não esquecendo, entre outras, as dos produtos de higiene como a utilitária pasta dentífrica...

Embora nos cause grande apreensão o facto de sabermos que os efluentes de muitas das largas centenas de suiniculturas são lançados (sem o devido tratamento) nos algares, grutas ou cavidades, com escoamento mais ou menos directo nos lençóis freáticos, saliente-se que o PNSAC se localiza na zona de maior densidade de suínos por km² do país e a respectiva comercialização constitui também uma fonte indiscutível de receitas, indispensáveis para o desenvolvimento económico da região.



Extracção de inertes (paisagem humanizada) versus Lapiaz (paisagem natural) : o inimigo somos nós...



Então o que está a ser feito ?

A criação do Parque Natural, determinada pelo Decreto-Lei 118/79 de 4 de Maio, veio proporcionar a alteração gradual dos comportamentos desadequados. Por um lado, impede a activação desenfreada de pedreiras, a exploração excessiva das mesmas e ainda acciona mecanismos para que os respectivos desperdícios não sejam abandonados, mas sim reaproveitados : por exemplo, os blocos de calcário que não servem podem ser transformados em brita para a construção de estradas...

Por outro lado, o Parque Natural, em acção concertada com as Câmaras Municipais, as Delegações de Saúde e outras instituições, tem vindo a fazer diligências no sentido de pressionarem os suinicultores a instalarem nas suas explorações sistemas de tratamento de efluentes adequados.

Estas medidas favorecem, assim, a coexistência pacífica das populações com o Parque ao mesmo tempo que refreiam os prejuízos ambientais.

De facto, a principal preocupação do Parque é a salvaguarda deste reino de pedra que remonta a tempos de outrora em que o mar povoou estas terras e que de si deixou testemunho através dos fósseis e formas marinhas encontrados frequentemente.

Um outro testemunho é o da passagem de dinossáurios, visível nos trilhos de pegadas que ficaram marcadas nas estradas de calcário, descobertas graças à actividade extractiva das pedreiras.

Mas o património das Serras não se limita ao património geológico : há um património natural de uma variedade enorme de espécies faunísticas e de flora que crescem e vivem neste cenário agreste, aproveitando as vantagens facultadas pelas rochas e mantendo um bom equilíbrio com o Meio.

As espécies florísticas contam com exemplares tão diversos como as orquídeas (25 espécies diferentes) os narcisos ou os agradáveis "cheirinhos" - o rosmaninho, o tomilho e o alecrim que perfumam a Serra. Como espécie curiosa temos a erva-pinheirinha, uma planta "carnívora" que "digere" os insectos que dela se aproximam.

Os extensos matagais que povoam as manchas de vegetação albergam exemplares quase únicos em todo o planeta - é o caso dos carvalhais de carvalho-cerquinho. Os carvalhos eram, aliás, as árvores predominantes na floresta inicial das serras e foram dizimados na época dos Descobrimentos para delas se extrair a madeira para a construção naval. Das 204 espécies faunísticas inventariadas, há a destacar os morcegos (animal que ilustra o logótipo do parque), que escolhem o ambiente propício das grutas para se reproduzirem e hibernarem. As cavidades rochosas bem como as lapas e os algares proporcionam a variadas espécies as condições ideais para se abrigarem e reproduzirem. Uma dessas espécies é a gralha-de-bico-vermelho, um "ex-libris" da região, que infelizmente conta com um decréscimo de indivíduos, o que poderá estar associado a causas humanas, como a perturbação dos habitats.

Por tudo isto, conhecer os problemas e agir de forma a que eles sejam minimizados, é uma forma de providenciar o bem-estar de hoje e do futuro, para que, afinal, não sejamos nós o INIMIGO !

Glossário "cársico"

- Algar - Poço vertical que faz a comunicação entre a superfície e o interior das galerias ou grutas.
- Campo de Lapiaz - Aspecto característico do modelado cársico que, apresentando sulcos mais ou menos profundos, adquire uma aparência ruiniforme.
- Dolina - Cavidade superficial de forma cónica (aspecto característico do modelado cársico).
- Estalactites - Formações sedimentares resultantes da precipitação da calcite. A sua forma é cilíndrica ou cónica e alongada. Pendem das abóbadas das grutas calcárias.
- Estalagmites - Formações sedimentares resultantes da precipitação da calcite. A sua forma é de uma coluna. Estas formações existem no fundo das grutas calcárias.
- Modelado cársico - Conjunto de aspectos característicos que formam a paisagem sedimentar, resultantes da acção química das águas superficiais e/ou subterrâneas sobre o calcário.
- Gruta - Cavidade no interior do maciço calcário.
- Poljes - Depressões gigantescas semelhantes a vales existentes nos maciços calcários.
- Terra rossa - Material de natureza argilosa, de cor avermelhada, resultante da alteração do calcário.
- Uvala - Formação característica do modelado cársico resultante da união de uma ou mais dolinas.

Trabalho realizado pelas alunas Patrícia Cambé, Liliana Dinis e Liliana Ruivo, coordenado pela professora Isabel Cristina Nunes, da Escola E.B. 2,3 Manuel de Figueiredo, de Torres Novas